

Fazenda da Floresta



Medalha de Bronze para o café de d. Carolina de Assis Isabel Campos

Prof.^a Leila Vilela Alegrio

Durante a árdua tarefa de escrever sobre o cotidiano familiar, social e da administração nas fazendas de café do século XIX, chamou a atenção o noticiário do jornal Vassourense de 1883, que cita d. Carolina de Assis Isabel Campos, fazendeira de Juiz de Fora, entre os premiados na Exposição Internacional de Amsterdã, da qual participaram 879 fazendeiros.

É possível apenas imaginar como foi o dia a dia desta cafeicultora. Nas entrelinhas dos inventários *post mortem*, no entanto, podemos extrair dados importantes que nos levam a algumas hipóteses sobre a vida de Carolina na fazenda da Floresta.

Em 1873, morreu seu marido Francisco Ribeiro de Assis, e, após a abertura do inventário, vemos, na relação dos bens, que ele possuía naquela ocasião, além de muitos animais, como vacas e bestas, mais de cem escravos, 211 mil pés de café, quinhentos alqueires de terras e muitas dívidas ativas, que chegavam a 166:268\$258 contos de réis, valor superior ao da avaliação de seus escravos, que foi de 112:760\$000 contos de réis. O monte-mor alcançou 508:141\$968 mil réis, cabendo à inventariante d. Carolina, da meação com seus filhos herdeiros, 253:958\$369 mil réis.

A partir desses dados, é possível cogitar que Francisco ainda não estava totalmente envolvido

com a cafeicultura, já que havia em torno de 64 mil pés de café novos, de até dois anos. Qual era então a sua atividade principal? Como acontece, tradicionalmente, até os nossos dias, Francisco era um fazendeiro que se dedicava, sobretudo, à pecuária e ao empréstimo de dinheiro, pois praticamente um terço de seus bens consistia em dívidas ativas.

Até aqui, os números nos informam sobre a vida da uma família. Mas e d. Carolina?

Ela nasceu em 3 de maio de 1834 e deve ter se casado aos 29 ou 30 anos, portanto, um pouco tardiamente para a época, o que lhe deve ter permitido adquirir maturidade, em família, antes do matrimônio. Do seu inventário, podemos extrair ainda outros dados sobre esta senhora. Em 1873, quando morreu seu esposo, ela tinha cinco filhos, sendo a mais velha Maria Carolina, de 9 anos, e a pequena caçula Francisca, de apenas dois meses e que morreu em 1876.

Sua primogênita, Maria Carolina, casou-se em 15 de agosto de 1888 com o dr. João Nogueira Penido, que, de acordo com sua biografia, era um médico de renome formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1883. Com diversos cursos na Europa (Paris), trabalhou em hospitais de Viena e Berlim. Anos mais tarde, já na República, tornou-se político, assumindo o cargo de vereador e presidente da Câmara Municipal de Juiz de Fora.

Podemos acreditar que o genro de d. Carolina não teve nenhuma influência em seus negócios de fazendeira. E seus outros filhos? Ignácio Ribeiro de Assis estudou advocacia em São Paulo e casou-se com d. Olga Burnier, com quem teve uma filha, mas morreu antes de sua mãe, d. Carolina. Sua outra filha Anna Carolina deve ter ficado ao lado da mãe até morrer, ainda solteira, aos 42 anos. O filho Theodorico, que se casou com d. Emerenciana Barbosa Alves de Assis, pode ter sido o único a ajudar a mãe na fazenda, mas como em 1883 tinha só 12 anos, é improvável que tenha sido determinante para que d. Carolina ganhasse o prêmio da exposição de Amsterdã.

Muitos podem argumentar que d. Carolina foi orientada por terceiros para poder administrar sua fazenda com tanta maestria, porém, mesmo que isso tenha acontecido, é preciso dizer que ela teve ousadia suficiente para multiplicar seu patrimônio e legar aos filhos uma verdadeira fortuna em bens imóveis, ações e debêntures, além da fazenda da Floresta.

D. Ana Carolina conseguiu transformar os 253:958\$369 mil contos de réis recebidos por meação após a morte de seu marido Francisco, em 1874, em um monte-mor de 1.679.140\$100 conto de réis, em 1913, quando foram avaliados os bens deixados por ela. Coube a cada um de seus filhos a soma extraordinária de 419:786\$525 contos de réis. Infelizmente, em seu inventário *post mortem*, por esquecimento ou omissão, não foram avaliados joias e outros objetos de luxo que ela devia possuir em seu palacete de Juiz de Fora, onde morava na época, assim como não foi possível conhecer o maquinário de sua fazenda. No entanto, lá havia 320 mil pés de café, ou seja, cem mil pés a mais em relação ao que fora declarado por ocasião da morte do marido.

A fazenda da Floresta passou para o filho de d. Ana Carolina, Theodorico. Em sociedade com o cunhado, ele administrou a propriedade que permanece até hoje na família

